
A FORMAÇÃO POLÍTICA DE MILITANTES DO MST: RELATOS DE PESQUISAS

LA FORMACIÓN POLÍTICA DE MILITANTES DEL MST: INFORMES DE INVESTIGACIÓN

TRAINING POLICY OF MILITANTS MST: RESEARCH REPORTS

Suely Aparecida Martins¹

Franciele Soares dos Santos²

Resumo: O artigo analisa a experiência de formação política de militantes do MST, tendo como base resultados de pesquisas, realizadas no Paraná. Busca demonstrar como as diversas experiências propiciadas por este Movimento proporcionam a formação política de seus integrantes. O texto está organizado em três partes: a primeira apresenta a categoria experiência elaborada por Edward Palmer Thompson, utilizada como referência para análise; a segunda traz um breve histórico da formação política no contexto do MST, e a última destaca os resultados das pesquisas. As pesquisas foram realizadas no período entre 2006 e 2008, tiveram caráter qualitativo. Além de revisão bibliográfica, houve a leitura de documentos produzidos pelo Movimento e a realização de entrevistas com integrantes do MST.

Palavras-chave: educação; formação política; experiência; MST-Paraná, E. P. Thompson.

Resumen: El artículo analiza la experiencia de la educación política del MST, con base em resultados de la investigación, que tuvo lugar em Paraná. Trata de demostrar cómo las diferentes experiencias que ofrece este movimiento proporcionan la formación política de sus miembros. El texto está organizado em tres partes: la primera la categoría de la experiencia desarrolla por Edward Palmer Thompson, utilizado como referencia para El análisis, la segunda presenta breve historia de la formación política en el contexto del MST, y pone de relieve los últimos resultados de la investigación. Las investigaciones realizadas entre 2006 y 2008 fueran de carácter cualitativo. Además de la revisión de la literatura, hubo la lectura de los documentos producidos por el movimiento y las entrevistas con los miembros del MST.

Palabras clave: educación; formación política; experiencia, el MST-Paraná; E.P. Thompson.

Abstract: This article analyzes the experience of political education of MST, based on research results, held in Paraná. Tries to demonstrate how the different experiences provided by this movement to provide political formation of its members. The text is organized into three parts: the first presents the experience category develop by Edward Palmer Thompson, used as reference for analysis, the second presents a brief history of political formation in the context of MST, and highlights the latest research results. The research were conducted between 2006 and 2008, had a qualitative character. In addition to literature review, there was the reading of documents produced by the movement and interviews with members of the MST.

Keywords: education; political formation; experience; MST-Parana; E.P. Thompson.

Introdução

Neste trabalho, apresentamos os resultados de duas pesquisas realizadas no período de 2006 e 2008³, com participantes deste Movimento, com o objetivo de demonstrar que o processo de formação política vivido por eles foi constituído a partir de inúmeras experiências propiciadas pela participação no MST e que possibilitaram a eles confrontar, rever, reformular suas experiências individuais de vida e, ao mesmo

tempo, construir a identidade política de Sem Terra. Para esta análise, todavia, tornou-se fundamental as contribuições teóricas do historiador marxista E. P. Thompson em relação a categoria experiência e como esta se articula ao processo de formação da consciência de classe.

Assim, com o intuito de compreendermos o sentido histórico da formação política dos militantes do MST, tomamos como referência a categoria da experiência humana. De acordo com Vendramini (2004, p. 35): “[...] estudar a experiência significa estudar o processo social que a engendra, com suas tradições passadas, levando-se em conta o contexto, a vida material, bem como, suas perspectivas futuras, o vir-a-ser”.

A experiência como formação política

A categoria experiência é importante para ajudar a entender os processos educativos considerados a partir de determinada materialidade histórico-social, discutindo as relações históricas, como fundamental no processo educativo e no processo de construção da contra hegemonia. A experiência adquire um caráter central para analisar a formação política dos militantes do MST e suas contradições.

De acordo com Thompson (1981), o desenvolvimento da classe e da consciência de classe dá-se conjuntamente por meio da experiência. Esse autor apresenta a categoria experiência como forma de apreensão da realidade, mas, principalmente, como algo que: “[...] propicia ao ser social, novas questões e grande parte do material sobre o qual se desenvolvem questões e exercícios intelectuais mais elaborados” (THOMPSON, 1981, p. 16). Para o autor, a consciência de classe constitui-se por meio das manifestações de relações culturais e econômicas, como resultado da experiência comum dos indivíduos, que, por sua vez, são determinadas pelas relações econômicas.

Em Thompson (1987), a classe é entendida como um fenômeno histórico, que reflete a relação histórica:

Classe é uma formação social e cultural (freqüentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do *tempo*, isto é, ação, reação, mudança e conflito. Quando falamos de *uma* classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando a mesma categoria de interesses, experiências sociais, tradição e sistemas de valores, que tem *disposição* para se *comportar* como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento.

A classe constitui-se no seu *fazer-se*, num movimento ativo que articula ação humana e condicionamentos sociais. É fruto de experiências comuns que podem levar à formação de uma determinada identidade que, por sua vez, posiciona-se contra a identidade de outros homens em função de interesses materiais e culturais opostos (THOMPSON, 2002a, p. 10). Nesse sentido, o autor entende formações de classe e consciência de classe como um “processo inacabado de relação – de luta com outras classes – no

tempo” (THOMPSON, 1981, p. 121). A luta de classes aparece como terreno privilegiado, pois é num processo de luta que as pessoas descobrem a si mesmas como classe.

Para Thompson, a experiência de classe resulta das relações de produção em que os homens nasceram e, portanto, encontram-se inseridos, independente de suas vontades; já a consciência de classe: “é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe” (THOMPSON, 2002a, p. 10). Por sua vez, embora a experiência apareça determinada, é ela que pode mediar a constituição da consciência de classe, uma vez que expressa as contradições do ser social no capitalismo.

A perspectiva teórica de Thompson, portanto, fornece elementos para pensarmos os processos formativos a partir da experiência de homens e mulheres concretos, bem como a partir da dialética entre ser social e consciência social e o agir dos sujeitos nos processos educativos em que se encontram inseridos.

A partir das considerações acima apresentadas, podemos afirmar que no MST, a experiência localiza-se no âmbito da luta social e na organização coletiva dos seus militantes. É no contexto de experiência de luta que o Movimento gesta seus processos educativos e de formação humana. Ao entendermos o MST como um sujeito coletivo nos propomos neste trabalho analisar a experiência dos sujeitos sem-terra - jovens e educadores-como parte desse coletivo. Portanto, apresentaremos a seguir reflexões a partir dos resultados de duas pesquisas que tratam de experiências socioeducativas e demarcam o processo de formação política desses sujeitos como possibilidades efetivas de construção e vivência de novos valores e práticas, bem como trazem à tona a dificuldade de superar valores e práticas presentes na sociedade de classes.

A formação política no Movimento Sem Terra-MST

O Movimento Sem Terra-MST, por meio de sua prática social, enfatiza a necessidade histórica da transformação social. Por sua vez, as estratégias de luta desse Movimento reforçam, de forma ativa e efetiva, o caráter essencialmente contraditório do capital, bem como a inevitável existência da luta de classes. A luta contra hegemônica promovida no âmbito das ações do Movimento está diretamente articulada à formação política de seus integrantes.

Os diversos cursos de formação de quadros do MST desenvolvem-se, desde o início do Movimento, articulados essencialmente pela Igreja Católica, por meio do Movimento da Teologia da Libertação e do Movimento Sindical. A formação política, portanto, esteve diretamente marcada por valores religiosos. A partir da década de 1990, com o refluxo da Teologia da Libertação bem como do Movimento Sindical, o MST passa a se responsabilizar pela formação política de seus quadros, assumindo alianças estratégicas com a Igreja e o Partido dos Trabalhadores-PT (SILVA, 2005).

Com a implementação das políticas neoliberais no Brasil, o MST tem urgência em potencializar a formação política e desenvolver a organização. Nesse período, ocorre um grande processo de repressão, especialmente durante os governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso. Segundo Silva (2005), os espaços de formação dos sem-terra são criados no início dos anos de 1990: o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Mas é especificamente a partir de 1995, que há a consolidação de cursos de formação de dirigentes. A autora afirma, ainda, que, nesse período, ocorre o desenvolvimento da relação entre movimento social e universidade, principalmente por meio da criação de cursos superiores.

É importante destacar que para o MST a formação política propiciada nos cursos só tem eficácia quando estreitamente relacionada com as práticas políticas do Movimento, ou seja, os cursos formativos educam quando aliados a participação efetiva em ocupações, marchas, protestos, a vivência em acampamentos e assentamentos. Desta forma, adota uma concepção ampla de educação, que vai além dos bancos escolares ou de cursos formativos e que só pode ser compreendida quando analisamos as experiências propiciadas pelo MST e que constituem a identidade militante. Partindo desse pressuposto, apresentamos algumas reflexões a partir de duas pesquisas realizadas no Paraná com participantes do MST.

Resultado das pesquisas

Ao optar pelo uso da categoria experiência entende-se que: 1) é pela experiência que o modo de produção exerce pressão determinante sobre outras atividades, podendo interferir tanto no pensar como no agir dos sujeitos; por sua vez, são as pessoas, homens e mulheres, que vivem, sentem, refletem e agem sobre determinada condição social; 2) a formação de classe e a consciência de classe resultam de lutas que se estabelecem (no tempo) quando homens e mulheres identificam seus interesses antagônicos e: “passam a lutar, pensar e a valorar como classe: assim o processo de formação de classe é um processo de autoconfecção, embora sob condições que são ‘dadas’” (THOMPSON, 1981, p. 121); 3) a experiência vivida pode levar à recusa e ao questionamento da consciência imposta, sendo importante para desvelar situações de dominação não apenas de classe, mas de gênero, geração etc.; 4) a experiência vivida, mesmo que individual, corresponde a relações constituídas historicamente e, trata-se da resposta dos sujeitos aos processos históricos em que se encontram inseridos e nos quais se articulam múltiplas experiências.

Entende-se que os participantes do MST analisados fazem parte de uma história que não começou com eles e nem exclusivamente com a constituição do MST nos anos de 1980. Vivem uma condição de vida iniciada há tempo no Brasil. Tanto eles como o MST, herdeiros de lutas, encontram-se atualmente num contexto histórico diferente que, embora ligado ao passado, apresenta novas características resultantes de mudanças sociais, entre elas aquelas provocadas pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção e

pela luta de classes. São esses sujeitos que, pelas suas experiências de ação, de assimilação e questionamento de valores e tradições (passadas e reforçadas no presente), vão-se constituindo como sujeitos políticos.

Feitas estas considerações e pelas pesquisas realizadas pode-se afirmar que é a partir de experiências comuns de expropriação e de exploração que se pode entender a decisão das famílias de se organizarem e lutarem pela terra. Tais experiências apresentam sinais de um rompimento com o trabalho familiar agrícola, com o sentimento de autonomia, ao passo que a luta pela terra e para permanência nela indicam a possibilidade de sua continuidade/retomada.

A decisão familiar não está fundamentada na luta pela Reforma Agrária ou pela transformação social. É uma luta por terra, ainda que aconteça a partir de uma ação – a ocupação – que transgride a ordem social burguesa, pois desrespeita a lei da propriedade privada. Todavia, a vivência nos acampamentos, a participação nos setores do MST, em encontros, confrontos e mobilizações, a continuidade dos estudos, a reorganização da vida nos assentamentos podem significar a possibilidade de ampliar a dimensão da luta. As novas experiências forjadas permitem a problematização das dificuldades enfrentadas junto com a família antes e depois do acampamento e assentamento, servindo de base para que eles alarguem sua concepção de mundo.

[...] minha iniciativa de entrar no MST ocorreu pela necessidade material; minha vontade era ter terra e trabalhar na terra, e poder ter certa autonomia e melhorar financeiramente, esse foi meu primeiro anseio de ir para o acampamento. (Entrevista/pesquisa 1).

Se, inicialmente, foi a necessidade que levou esses sujeitos e seus familiares para o MST, o processo educativo experimentado por eles como integrantes do Movimento possibilitou que a luta imediata pela terra fosse cedendo espaço para a luta política mais ampla pela Reforma Agrária e por uma outra sociedade. Estar e participar do MST possibilitou que eles problematizassem tanto sua condição social de sem-terras como os próprios valores dominantes na sociedade.

[...] E, depois, a gente começa a perceber que, no início, é a luta pela terra; vamos acampar porque quer um pedaço de terra, então percebemos que a dimensão é maior, que a gente quer a reforma agrária, quer saúde, educação, quer uma sociedade mais justa. (Entrevista/pesquisa 2).

Nesse processo, vários espaços educativos são importantes: o acampamento e o assentamento; a participação em mobilizações, encontros, cursos, marchas, teatros; os confrontos; o estudo individual e coletivo em espaços informais.

Para um entrevistado, a realidade do acampamento permite identificar as diferenças de classe e se questionar sobre isso: “por que somos sem-terras?”, ou seja, no acampamento, as desigualdades sociais apresentam-se com todas suas perversidades: fome, violência, repressão, abandono pelo poder público, preconceitos vividos, percebidos e sentidos pelos sujeitos com intensidade num ambiente de encontro com o outro e de luta coletiva. O outro passa a ser visto como igual, com os mesmos problemas, medos e angústias. Processo reforçado pela identificação social em relação aos acampados e que tende a anular as

individualidades: “não é o João, é o sem-terra”, podendo produzir entre os participantes maior identificação com o Movimento.

[...] quando você entra no acampamento, começa a compreender as diferenças de classe, e começa a refletir: mas porque nós vivemos nessa condição, porque somos sem-terra? Daí você vai à essência da contradição, você começa a refletir sobre a capacidade do povo organizado de fazer a luta. (Entrevista/pesquisa 2).

Além disso, no acampamento, à luta pela terra agregam-se outras lutas, entre elas aquelas para garantir o direito à educação para crianças e jovens. Neste sentido, torna-se importante os coletivos de militantes que se vão formando nos acampamentos e que permitem, por meio do estudo, debates e ações conjuntas, um aprendizado contínuo: é a partir das relações estabelecidas no coletivo que é possível refletir sobre a realidade; estreitar laços de solidariedade e alimentar a mística e a utopia necessárias para continuar engajados no Movimento, compartilhando de seus objetivos políticos.

[...] dentro do MST você tem formação política; consegue ver o contexto: estamos lutando pela transformação social, mesmo acabamos tendo uma nova consciência, um novo jeito de ver as coisas, de pensar, e com isso nossas ações passam a ter uma intencionalidade de mudança. (Entrevista/pesquisa 1).

Por outro lado, a participação dos militantes em atividades do MST, fora do acampamento, em reuniões de setores, encontros, cursos, marchas, mobilizações contribui para a compreensão de que o Movimento e sua luta não se encontram limitados ao universo do acampamento e aos interesses daquelas famílias, mas representam as necessidades e os desejos de milhares de trabalhadores rurais espalhados pelo Brasil. Passam a perceber, ainda, que contam com aliados importantes como: outros movimentos sociais, rurais e urbanos, alguns partidos políticos, sindicatos e instituições religiosas etc. Isso também pode ser dito em relação aos assentados.

Todavia, de acordo com Silva (2004), se no acampamento a possibilidade da vivência coletiva, da formação de um “nós” e da afirmação da ação do sujeito no grupo são maiores, dadas as condições objetivas de enfrentamento, no assentamento tal processo é dificultado. Os valores de solidariedade vividos no acampamento correm riscos de serem substituídos pelo individualismo e a não-cooperação. Isso ocorre devido à inserção dos assentados na economia de mercado, provocando uma mudança substancial na relação com a terra, que passa a ser vista como uma mercadoria.

Soma-se a esse processo o fato de que, inicialmente, as necessidades dos assentados são incontáveis; quase tudo está por ser feito: construir locais de moradias, preparar terreno para plantio, perfurar poços, entre outras coisas; além disso, muitos dos projetos de coletivização de lotes e associativismo para os assentados acabam fracassando por não corresponderem aos seus interesses e capacidades, gerando conflitos entre eles próprios e as lideranças e reproduzindo relações de dominação. As reflexões de Silva (2004) mostram como é complexo manter o pertencimento de classe numa sociedade em que ter é mais importante do que ser. Ter a propriedade de um pedaço de terra já dilui a identidade de sem terra, mascara a condição de classe construída

sobre o pilar da exclusão e o Estado se reapropria dessa situação para cobrar a inserção do assentado no circuito mercantil.

Porém, a dependência em relação ao INCRA, as diversas necessidades que surgem no assentamento - relativas à saúde, lazer e educação - e a experiência anterior de envolvimento político, mantém a organização dos assentados e sua ligação com os movimentos sociais rurais, sendo reforçada pela presença de militantes e lideranças assentadas. Muitos desses militantes e lideranças surgem no acampamento e preservam uma identificação forte com os propósitos do MST. Assim, continuam participando das marchas, congressos, encontros, cursos de formação, ocupação de prédios públicos, entre outras atividades, ao mesmo tempo em que retomam seus projetos familiares de vida, sem um rompimento definitivo com o movimento de luta pela terra. Redimensionam e reafirmam interesses comuns, inclusive aqueles que rompem com interesses individuais. Isso pode ser observado em experiências de assentamentos coletivos ou semi-coletivos bem sucedidos no MST, inclusive no Paraná, bem como na trajetória daqueles que optam pela continuidade da luta iniciada por seus pais.

Um integrante (entrevista/pesquisa 2) relata que no assentamento conheceu mais o MST, inseriu-se nas atividades de educação e produção, começou a participar de cursos, encontros. No assentamento, pode-se dizer que ele vive um processo contínuo de vivência coletiva e de identificação com o Movimento, pois conforme afirma: “é como se fosse uma miniatura do MST dentro do assentamento” (entrevista/pesquisa 2). Tudo é coletivo: a produção, o planejamento, os investimentos, os recursos, a prática das refeições (café da manhã e almoço), as decisões referentes à cooperativa e a vida social no assentamento, as estratégias de luta e mobilização. Individual, apenas a casa e um pequeno lote na agrovila.

Na maioria dos assentamentos, prevalece a produção familiar, porém, conforme citado anteriormente, o MST continua presente na vida dos assentados: na memória e nos símbolos da luta pela terra, como referência para a organização e mobilização para novas conquistas. Ainda que seja em número mais reduzido, é nesse processo em que muitos participantes, mesmo aqueles que não vivenciaram a experiência do acampamento, são motivados a participar de atividades, que procuram resgatar valores coletivos e o sentimento de pertencimento ao Movimento; é o caso, por exemplo, da participação em encontros, marchas, cursos, congressos etc.

Nesses momentos, os princípios organizativos presentes no acampamento e, em menor grau, nos assentamentos, como direção coletiva, divisão de tarefas, disciplina, estudo fazem-se presentes. Em atividades com menor número de pessoas envolvidas, como cursos, por exemplo, os participantes são organizados por núcleos de base e cada núcleo tem uma tarefa a desenvolver; alguns são responsáveis pela disciplina, outros pela mística e assim por diante, podendo ocorrer rodízio entre os núcleos na realização das tarefas. Os núcleos de base são nomeados pelos seus membros com o nome de algum personagem considerado importante para os movimentos sociais e a classe trabalhadora, sendo homenageado em vários momentos com palavras de ordem, hinos, encenações, fotos, místicas etc. Em atividades maiores como encontros e jornadas estaduais,

congressos e marchas nacionais mantêm-se a organização interna dos participantes pelas brigadas e pelos estados.

A participação nessas atividades traz presente, além do conhecimento, a possibilidade de estar junto, de compartilhar situações e sentimentos, de encontrar pessoas de diferentes lugares, de interiorizar os valores e as perspectivas políticas e ideológicas defendidas pelo MST. Coisas que, à primeira vista, podem parecer insignificantes adquirem uma dimensão política e formativa importante na constituição do coletivo:

- a importância do aprendizado que ocorre nas relações estabelecidas no Movimento: “pegava meu caderninho e marcava tudo”; “estávamos em constante diálogo”; “caminhava, e ali eu fui aprendendo um monte de coisas”; “trocamos experiências”; “vi o debate do Movimento em outros Estados”;

- a importância de práticas coletivas: “estávamos em constante diálogo e em convivência coletiva”; “num coletivo você tem que dividir todos os espaços, sua vida pessoal, seus bens materiais”; “compartilhar quartos, um lava a roupa do outro”; “o grupo ajuda você a viver seus problemas: você tem limitações, tem que melhorar, precisa fazer isso”;

- a importância de fortalecer o compromisso e a identificação com o MST: “a gente discutia a problemática da reforma agrária”; “li Marx, Lênin”; “entrei em contato com a obra de Paulo Freire”; símbolos como a bandeira e o hino do MST encontram-se sempre presentes, juntamente com a bandeira da Via Campesina, indicando o caráter internacional da luta; fotos e frases de pensadores socialistas são espalhadas pelo ambiente, momentos de mística são realizados. A maioria dos participantes usa camisetas, bonés e adereços que fazem menção a prática política, canta músicas de protesto ou que reforçam a cultura camponesa;

- a importância de se perceber e sentir parte do coletivo: “fui às escolas, fiz debates”; “foram dezoito dias de ensaio”; “fui desafiada a falar”; “eu assumi o setor de mística lá no curso”.

Os vários momentos citados anteriormente mostram que o envolvimento político é reforçado pela participação em um conjunto de atividades que tem por característica fundamental o resgate do coletivo: “do fazer junto, do estar junto, do decidir junto, de se sentir parte”, processo que contraria o individualismo presente nas sociedades capitalistas. Tais experiências, articuladas com a difícil situação de vida nos acampamentos e assentamentos vão solidificando a ligação dos participantes com o MST e, ao mesmo tempo, suscitando novas formas de pensar, novos valores e novas possibilidades de decidir sobre a vida pessoal e coletiva, ainda que dentro de limites determinados.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas nesse trabalho, nos possibilitaram compreender que as experiências vividas no âmbito do Movimento - em destaque a luta social que este engendra - produzem e formam uma nova compreensão de suas necessidades. Segundo Caldart (2006, p. 138): “a participação nos Movimentos

Sociais humaniza as pessoas porque as educa (produz aprendizados humanos) em sua dimensão de sujeitos, de sua vida, de sua história, da luta pelo resgate de sua dignidade, de sua liberdade; e porque faz isso radicalizando/potencializando sua condição de ser social”.

A base para a formação política desses militantes são as condições objetivas de sua existência, a materialidade da realidade cotidiana vivenciada por eles, ou seja, há uma dimensão formativa na *experiência humana* de ser Sem Terra, que faz com que esses sujeitos assumam atitudes e tarefas no contexto do Movimento. Entendemos, portanto, que a formação política dos militantes do MST como resultado de uma construção processual de educação, de práticas, valores, ideologias, bem como de ações.

A formação política dos militantes traduz-se para o MST como a possibilidade do avanço real na luta social do Movimento. Segundo os documentos do MST: “toda a organização deve ter e procurar formar seus militantes de acordo com os princípios políticos e filosóficos que estabelece. É por assim dizer toda organização precisa ter os seus intelectuais orgânicos” (MST, 2005, p. 29).

No caso do MST, a formação política de militantes, também está direcionada à formação da consciência política da base. A necessidade orgânica do MST formar seus intelectuais é cada vez mais atual e imprescindível para o Movimento. Por isso, torna-se necessário e vital para o Movimento a luta por educação e, principalmente, pela formação de quadros.

Ao buscar reconstruir a forma de socializar seus participantes, a partir de práticas e valores diferentes daqueles que circulam na sociedade de classes, o Movimento tem oportunizado aos seus militantes construir uma visão de mundo crítica ao capitalismo que tem como horizonte a perspectiva de que outra sociedade é possível, desde que se lute por ela. O MST, ao propor novas formas de organização das relações sociais, enfatizando a importância de práticas e valores coletivos, contrapõe-se à ordem social capitalista e oferece outras possibilidades de socialização direcionadas a construção da contra hegemonia.

Referências

- BOGO, A. *Lições da luta pela terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- CALDART, R. S. Intencionalidades na formação de educadores do campo. *Cadernos do ITERRA*, Veranópolis, ano VII, n. 11, 2007.
- MST. *MST: construindo o caminho*. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2001.
- MST. *Cartilha de Estudo: A organicidade e o Planejamento, construindo coletivamente*. n. 7, set. 2005.
- MST. Princípios da educação no MST. *Caderno de Educação*, Porto Alegre, n.8, 1999.
- SILVA, M. A. M. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP, 2004.
- SILVA, R. *A dialética do trabalho no MST: a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes*. 2005. 324f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2005.
- SOUZA, M. A. *Educação e cooperação nos assentamentos do MST*. Ponta Grossa: UEPG, 2006a.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.

_____. *A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

_____. *A formação da classe operária inglesa III: a força dos trabalhadores*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002c.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENDRAMINI, C. Experiência humana e coletividade em Thompson. *Revista Esboços: Cultura e Resistência*, Florianópolis, v. 11, n. 12, p.25-36, 2004.

Notas:

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (1996), mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e doutorado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: martins_sue@hotmail.com

² Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Francisco Beltrão. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora assistente no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: sfrancieli@yahoo.com.br

³ Trata-se de parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada “Formação de educadores militantes no MST: a experiência do curso de Pedagogia da Terra na Uniãoeste/PR” (Pesquisa 1), que entrevistou 15 educadores do MST, e da tese de doutorado intitulada “A formação política da juventude no Movimento Sem Terra no Estado do Paraná” (Pesquisa 2) que entrevistou 33 jovens do MST.

Recebido em: 19/07/2012

Publicado em: 05/2013